REVISTA DE
PSICOLOGIA DA IMED

Concepções Sobre Estereótipos de Gênero de Homens Acusados de Violência Contra Mulher

Conceptions About Gender Stereotypes of Men Accused of Violence Against Women

Concepciones Sobre Estereotipos de Género de Hombres Acusados de Violencia Contra la Mujer

Renata de Farias Paese(1); Mariana Gonçalves Boeckel(2)

1 Universidade Federal das Ciências da Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: renatapaese@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5550-8632
2 Universidade Federal das Ciências da Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: marianagb@ufcspa.edu.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2806-0238

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 16, n. 2, p. 22-40, julho-dezembro, 2024 - ISSN 2175-5027
[Submetido: 8 out. 2024; Revisão1: 9 dez. 2024 Revisão2: ; Aceito: 26 nov. 2025; Publicado: 4 dez. 2025]
DOI: https://doi.org/10.18256/2175-5027.2024.v16i2.5076

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*
Editor: Jean Von Hohendorff

Como citar este artigo / To cite this article: clique aqui!/click here!

Resumo

Os estereótipos de gênero são construções sociais que impactam profundamente a sociedade e comportamento das pessoas. Eles estão relacionados com a Violência por Parceiro Íntimo (VPI), fenômeno prevalente no Brasil. Assim, faz-se necessário compreender as concepções acerca de estereótipos de gênero de homens acusados pela Lei Maria da Penha 11.340/2006. Foi realizada uma análise temática reflexiva, visando identificar temas com significados comuns a partir dos dados de pesquisa do relato de 37 homens enquadrados sob a Lei Maria da Penha, participantes do Grupo Psicoeducativo Online com Homens Autores de Violência Contra a Mulher (GPHAV-Online). A análise resultou nos temas Pró-Estereótipo (e seus subtemas Não reconhecimento do estereótipo, Perpetuação dos estereótipos, Estereótipo como algo natural e Perigo da quebra dos estereótipos) e Contra-estereótipo (e seus subtemas Reconhecimento do estereótipo, Discordância do estereótipo e Combate ao estereótipo). Os resultados evidenciam uma ambiguidade dos participantes acerca dos estereótipos de gênero. Ainda, deve-se considerar o impacto dos estereótipos de gênero ao combater a VPI, assim como os fatores que os mantêm.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo, Estereótipos de gênero, Papel de gênero.

Abstract

Gender stereotypes are social constructs that profoundly impact society and people's behavior. They are related to Intimate Partner Violence (IPV), a prevalent phenomenon in Brazil. Therefore, it is necessary to understand the conceptions about gender stereotypes among men accused under the Maria da Penha Law 11.340/2006. A reflexive thematic analysis was conducted, aiming to identify themes with common meanings from the research data of 37 men prosecuted under the Maria da Penha Law, participants of the Online Psychoeducational Group with Men Perpetrators of Violence Against Women (GPHAV-Online). The analysis resulted in the themes Pro-Stereotype (and its subthemes Non-recognition of the stereotype, Perpetuation of stereotypes, Stereotype as something natural, and Danger of breaking stereotypes) and Counter-Stereotype (and its subthemes Recognition of the stereotype, Disagreement with the stereotype, and Combating the stereotype). The results highlight an ambiguity among participants regarding gender stereotypes. Furthermore, the impact of gender stereotypes in combating IPV should be considered, as well as the factors that sustain them.

Keywords: Intimate Partner Violence (IPV), Gender Stereotypes, Gender role.

Resumen

Los estereotipos de género son construcciones sociales que impactan profundamente en la sociedad y en el comportamiento de las personas. Están relacionados con la Violencia de Pareja (VPI), un fenómeno prevalente en Brasil. Por lo tanto, es necesario comprender las concepciones sobre los estereotipos de género entre los hombres acusados bajo la Ley Maria da Penha 11.340/2006. Se realizó un análisis temático reflexivo, con el objetivo de identificar temas con significados comunes a partir de los datos de investigación del relato de 37 hombres procesados bajo la Ley Maria da Penha, participantes del Grupo Psicoeducativo en Línea con Hombres Autores de Violencia contra la Mujer (GPHAV-Online). El análisis resultó en los temas Pro-Estereotipo (y sus subtemas No reconocimiento del estereotipo, Perpetuación de los estereotipos, Estereotipo como algo natural y Peligro de romper los estereotipos) y Contra-Estereotipo (y sus subtemas Reconocimiento del estereotipo, Desacuerdo con el estereotipo y Combate al estereotipo). Los resultados resaltan una ambigüedad entre los participantes con respecto a los estereotipos de género. Además, se debe considerar el impacto de los estereotipos de género en la lucha contra la VPI, así como los factores que los mantienen.

Palabras clave: Violencia de pareja íntima (VPI), Estereotipos de género, Rol de género.

Introdução

Os estereótipos de gênero são construções sociais que atribuem características e papéis a pessoas baseado no seu gênero (UNICEF, 2017). Eles têm o poder de limitar as nossas escolhas de vida, ao ponto em que trajetórias pessoais e profissionais são alteradas por conta da expectativa do grupo e da própria pessoa para exercer de maneira "correta" seu papel e alcançar respeito e inclusão no grupo (Ellemers, 2018; UNICEF, 2017).

Por mais disseminados que sejam, tais estereótipos de gênero e as diferenças entre o gênero masculino e feminino produzidos por eles não são "naturais" aos indivíduos, e sim desenvolvidos socialmente ao longo da vida (Ellemers, 2018). Desde o nascimento, aprendemos a fazer essas diferenciações por meio de representações na mídia, das expressões daqueles ao nosso redor e, especialmente, do comportamento e ensinamentos dos nossos cuidadores (Ellemers, 2018). Esses ensinamentos sofrem uma forte influência da transgeracionalidade, que, de uma perspectiva sistêmica, são padrões, aprendizados, e outros elementos transmitidos entre gerações de uma família (Razera, Cenci & Falcke, 2014).

Para além da família, ressalta-se que a própria produção desses papéis de gênero na sociedade é indissociável das relações de poder existentes, que colocam o homem em uma posição de maior vantagem (Ellemers, 2018). Assim, esses papéis pré-definidos são base de uma cultura patriarcal que permite o abuso nas relações de poder, sendo eles parte da causa da Violência por Parceiro Íntimo (VPI) (Rosa & Pargeon, 2019).

A Violência por Parceiro Íntimo (VPI) configura-se como atos de violência física, sexual e psicológica, perseguição, coerção, entre outros tipos de violência, que são perpetuados por um atual ou ex-parceiro íntimo (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023). Indivisível dos papéis de gênero, o exercício da violência contra a mulher aparece ligado a crenças tradicionais de gênero, tais como a mulher ser mais passiva e o homem, mais ativo, levando a uma banalização e legitimação da VPI (Ellemers, 2018; Sousa, 2017). Esse tipo de violência é uma questão de saúde pública, visto que um levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023) apontou que, em 2022, 33,4% das mulheres brasileiras maiores de 16 anos já haviam sofrido algum tipo de VPI; tal resultado é superior à média global, e representa um aumento em relação ao levantamento do ano de 2021.

Nesse cenário, tornam-se imprescindíveis as políticas públicas que enfrentem esse cenário de violência contra a mulher. No campo jurídico brasileiro, a elaboração da Lei nº 11.340/2006 Maria da Penha representou uma medida bem-sucedida no combate da VPI, caracterizando esse tipo de violência como marcadamente baseada no gênero (Campos & Gianezini, 2019). Visto que a VPI é multifatorial, envolvendo fatores individuais, relacionais e comunitários, torna-se essencial incluir os homens agressores

nas propostas de intervenção, promovendo um tratamento que não seja exclusivamente penal (Rosa & Pargeon, 2019).

Pensando nessa inclusão, surgem os grupos reflexivos de gênero com homens autores de violência contra as mulheres, que são espaços de reflexão e diálogo que permitem desnaturalizar a conduta violenta; responsabilizar os homens autores de violência; e construir recursos não-violentos na esfera dos relacionamentos interpessoais (Acosta, Filho & Bronz, 2004). Esses fatores contribuem para a reflexão e transformação de padrões da masculinidade hegemônica, assim como para a prevenção da VPI (Acosta, Filho & Bronz, 2004). A masculinidade hegemônica é entendida como a norma cultural que mantém homens em posições de poder, e que não só é adverso à equalidade entre os gêneros, como também traz custos prejudiciais aos próprios homens (European Institute for Gender Equality, s.d.).

Tanto para a realização dos grupos de reflexão quanto para a elaboração de outras intervenções efetivas para o combate da VPI, é essencial compreender aprofundadamente as concepções estereotipadas de gênero, especialmente as defendidas por homens agressores. Entretanto, observa-se uma escassez no cenário brasileiro de estudos que incorporam homens agressores (Curia *et al*., 2020). Assim, o presente estudo objetiva compreender as concepções acerca de estereótipos de gênero de homens acusados pela Lei Maria da Penha. O material analisado advém das discussões do Grupo Psicoeducativo *Online* com Homens Autores de Violência Contra a Mulher (GPHAV-*Online*), um Grupo Reflexivo de Gênero realizado na Vara de Violência Doméstica e Familiar da região metropolitana de Porto Alegre, desde 2011. Tal Grupo é baseado em um protocolo elaborado pelo Grupo de Pesquisa Famílias & Contextos, do Programa de Pós-graduação Psicologia e Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA (Gomes, Goulart e Boeckel, 2021). Análises do GPHAV-Online apontam importantes evidências de efetividade do protocolo (Gomes, 2022).

Método

Delineamento

Trata-se de uma pesquisa de método qualitativo, transversal e de natureza descritiva-exploratória.

Participantes

Os participantes são oriundos do GPHAV-*Online*, totalizando 37 homens, englobando cinco edições diferentes do grupo, realizadas entre 2021 e 2022, cada uma com uma média de 7 participantes. Foram selecionadas essas edições por serem as

únicas gravadas por completo e que utilizavam o mesmo modelo de protocolo para os encontros do grupo. Os critérios de inclusão dos participantes foram ser maior de 18 anos, alfabetizado, e estar respondendo a um processo de acusação de violência sob a Lei nº 11.340/2006 Maria da Penha; ter acesso a internet e um dispositivo que permitisse o acesso *online* ao grupo e ao aplicativo de mensagens *Whatsapp*; e estar com suas funções mentais preservadas. Como critério de exclusão, está a acusação de violência sob a Lei Maria da Penha por mulheres que não são ou não foram suas companheiras. Nesse caso, os homens eram conduzidos a outros grupos de reflexão para homens que não o GPHAV-*Online*, visto que ele foi criado para abordar a VPI.

A idade dos homens variava entre 21 e 57 anos, com a média sendo de 38 anos (DP = 8,7). Em relação ao nível de ensino, 8,1% (3) dos homens tinha Ensino Fundamental incompleto; 24,3% (9), Ensino Médio incompleto; 37,8% (14), Ensino Médio completo; 16,2% (6), Ensino Superior incompleto; e 13,5% (5), Ensino Superior completo. No que tange à cor, 59,4% (22) dos homens se autodeclaravam brancos, enquanto 18,9% (7) se autodeclaravam negros, 13,5% (5) se autodeclaravam pardos, e 8,1% (3) dos homens marcaram "outros" (indígena, mestiço ou moreno). Já sobre renda, 32,4% (12) dos homens tinham renda entre 1 e 2 salários mínimos; 48,6% (18), entre 2 e 4 salários mínimos; 13,5% (5), maior do que 4 salários mínimos; e 5,4% (2) não souberam informar. Ainda, dentre todos os 37 participantes, dos quais 32.4% (12) em relacionamentos estáveis e 67.5% (25) solteiros, apenas 1 participante seguia em um relacionamento amoroso com a vítima do processo ao qual respondia. Por fim, 27 dos 37 participantes tinham filhos, com média de 2 filhos cada um (DP=3,0).

Instrumentos

O material analisado na presente pesquisa deriva do Encontro 4 do Grupo Psicoeducativo com Homens Autores de Violência contra a Mulher - Versão *Online*. O GPHAV-*Online* é composto de nove encontros de 1h 45min cada, realizados pela plataforma *Google Meet* e ministrados por dois psicólogos. O grupo aborda questões importantes tais como ciclo da violência, manejo da raiva, machismo e feminismo (Gomes, 2022).

O quarto encontro chama-se "Mitos, Gênero e Machismo", e foca nos estereótipos associados a papéis de gênero. Assim, os mediadores do grupo leem uma série de afirmações nomeadas de "mitos", e os participantes são convidados a opinarem sobre a colocação. As afirmações são as seguintes: "Homem que é homem não chora e não leva desaforo para casa"; "Homens perdem a cabeça mais fácil do que as mulheres"; "Meninas só brincam de bonecas e meninos só brincam de luta"; "Apenas a mulher deve discutir as questões da relação amorosa"; "É somente a mãe que deve cuidar dos filhos." Todos os encontros foram gravados em forma de vídeo e áudio e, após, o áudio foi transcrito por completo.

Procedimentos para Coleta e de Análise das Informações

Os 37 participantes foram encaminhados por juízes responsáveis do Foro Central de uma capital do Sul do Brasil para que participassem do grupo psicoeducativo, visto o enquadramento dos processos na Lei Maria da Penha. O acesso aos homens integrantes do grupo ocorreu por meio do 1º Juizado da Vara de Violência Doméstica e Familiar de Porto Alegre, do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS). Todos os participantes passaram por uma entrevista semi-estruturada que abordava dados de identificação, situação familiar e funcional, estado de saúde mental e física e informações sobre a relação com a (ex) companheira que o acusou. A entrevista foi conduzida individualmente por um psicólogo ministrante do GPHAV-*Online*, momento em que houve esclarecimento de dúvidas e concordância com a participação na pesquisa, com posterior leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a análise de dados, utilizou-se a análise temática reflexiva de Braun e Clarke (2006). A análise temática objetiva identificar temas com significados comuns a partir dos dados de pesquisa (Braun & Clarke, 2006). Para gerar tais padrões, as cinco transcrições na íntegra do Encontro Quatro do GPHAV-*Online* foram analisadas, codificadas e revisadas, até culminar nos presentes temas e subtemas. A codificação foi realizada com o uso dos recursos do programa *Google Sheets*.

Procedimentos Éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade (CAAE 35431220.8.0000.5345) e está de acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Resultados

A partir da análise temática dos dados, emergiram duas temáticas principais: Pró-Estereótipo (e seus subtemas "Estereótipo como algo natural"; "Perpetuação dos estereótipos"; "Perigo da quebra dos estereótipos"; e "Não reconhecimento do machismo") e Contraestereótipo (e seus subtemas "Reconhecimento do estereótipo"; "Discordância do estereótipo"; e "Combate ao estereótipo").

Pró-Estereótipo

O tema Pró-Estereótipo abarca fatores que perpetuam e naturalizam os estereótipos de gênero na sociedade. Nesse movimento, tais estereótipos são vistos como naturais e corretos. O subtema "Estereótipo como algo natural" surge da tentativa

dos homens de justificar os estereótipos de gênero recorrendo a explicações biológicas: "*Hã, eu acho que até pela parte biológica que o homem, pela testosterona né, o homem tem mais facilidade de explodir, de… até pelo biológico do homem, né?*". Tais colocações pressupõem que homens e mulheres já nascem com papéis de gênero determinados, de jeito que os comportamentos estereotipados seriam parte da sua natureza:

> *Eu não sei se a gente ensina isso né, ou já vem de, de berço isso, é que nem uma menina por exemplo de dois anos, se dá uma boneca pra uma menina, ela sabe como agarrar, se dá uma boneca pra um, pra um menino (de) doze ele se perde todo.*

Nessas instâncias, os estereótipos são considerados tão inerentes ao funcionamento dos gêneros masculino e feminino que há uma forte comparação com o reino animal, implicando que os papéis que cada gênero exerce são instintuais. Esse paralelismo aparece inclusive nas discussões sobre a agressão do homem contra a mulher, como por exemplo:

> *Às vezes o Pinscher é até mais brabo, quer matar o Dobermann e não pode, entendeu? É... é mais ou menos isso, o cachorro pequeno é tão brabo quanto um grande, só que a diferença é o tamanho da mordida. Basicamente é o que ocorre entre o homem e a mulher.*

Nessa fala, e em outras semelhantes, o homem aparece enquanto ser mais forte e impulsivo, estando na sua natureza agir de forma fisicamente agressiva se ameaçado:

> *É que nem aquele ditado besta, mas verdadeiro, cutucar a onça com vara curta, não se faz isso, né? É a mesma coisa. Os homens têm que se controlar pra não perder a cabeça e as mulheres tem que ser inteligentes pra não fazer o mais forte perder a cabeça quando ela tá errada, e às vezes elas cutucam, vão lá, até tirar o cara do controle, né?*

O segundo subtema, "Perpetuação dos estereótipos", fala especificamente sobre os mecanismos pelos quais o estereótipo de gênero se reproduz, com destaque para a própria concordância dos participantes do GPHAV-Online com esses modelos inflexíveis e sua consequente reprodução:

> *Se tu for parar pra analisar certas coisas são pra menina e certas coisas são pra menino. Não tem como fugir dessa ideia também. Tu vai ver um vestido: é pra menina. Uma bermuda, uma camiseta, uma regata: é pra menino. Uma boneca é pra menina e um boneco é pra menino.*

A convicção nesses modos de ser considerados "de menino" e "de menina" acabam impactando todos aqueles que convivem com estes homens, especialmente seus filhos e filhas, que têm essas convicções impostas a eles num processo chamado transgeracionalidade:

> *Às vezes tem o dia do brinquedo (na escola). Tu vai mandar o teu filho com carrinho e tu vai mandar a tua filha com uma boneca, isso é uma coisa óbvia. Até porque a gente cria o menino pra ser menino e a menina pra ser menina.*

O pensamento de criar "meninos para serem meninos" e "meninas para serem meninas", por sua vez, é ecoado por diferentes participantes:

> *Eu tenho uma filha mulher, eu não quero que ela seje homossexual, eu quero que ela seje mulher, como eu tenho meus filhos homens, eu quero que eles sejem homens. Então eu tento proteger eles mais pro lado masculino, assim como a minha filha mais pro lado feminino.*

O conceito da transgeracionalidade implica que esses homens, tal qual seus filhos, tenham aprendido os estereótipos de gênero em grande parte da sua família de origem. Esse processo pode ser ilustrado em colocações que se repetem no discurso de diversos homens, quando se referem ao estereótipo de que "homem não leva desaforo para casa":

> *Com 8 anos de idade. Eu apanhava na rua, entrava dentro de casa chorando e o meu pai uma vez chegou e disse: "se tu entrar pra dentro de casa chorando tu vai apanhar pra tu aprender a ser homem na rua", entendeu?*

Por mais que a maioria dos exemplos de reprodução dos estereótipos de gênero apontados pelos homens tenham figuras masculina como perpetuadores, os participantes também compartilharam instâncias em que as mulheres reproduziram tais papéis, em falas como: "*Meu próprio filho de 7 anos falou esses dias, 'não, minha mãe disse que (...) eu tenho que morar com ela porque os filhos têm que morar com a mãe.*'"

O terceiro subtema, "Perigo da quebra dos estereótipos", trata-se de uma visão negativa que os participantes da pesquisa têm acerca dos novos tipos de relação de gênero e desconstruções sobre o que é ser homem e ser mulher. A conotação negativa dada a esses movimentos tem origem na percepção deles enquanto prejudiciais e ameaçadores ao homem e à sociedade, como no seguinte excerto:

> *O lado feminista, elas são muito agressivas. (...) As mulheres, agora, elas também tão assim. Elas tão num pico de tensão, de nervosismo*

> *lá no alto. Então hoje se tu fala um "a" elas falam tudo pra ti, porque elas se acham no topo, entendeu (...). Então não tá tendo um equilíbrio mais.*

Assim, os movimentos feministas são colocados no mesmo patamar do machismo:

"*Eu poderia dizer hoje que o machismo ou feminismo, a palavra é a mesma, e é uma agressão sobre o sentimento da outra pessoa*". Não só o feminismo como outros movimentos que alterem o status quo dos grupos da sociedade e o papel do homem, como o movimento LBQTQIA+, são vistos como ameaças:

> *Daqui a pouco a criança não tem (...) uma tendência a ser um homossexual, (...) e aí daqui a pouco, a criança ela tá em fase de desenvolvimento, tu tem que orientar, porque hoje o que que acontece, eu não sou contra homossexualismo, de modo algum, tenho vários amigos homossexuais (...) e amigas lésbicas, eu sou hétero, mas (...) o que que acontece? Às vezes hoje, na nossa sociedade, ela tá implantando isso como um modismo, em alguns atos, porque eles tão insistindo demais nisso.*

Na mesma linha, a mídia aparece como um fator de manipulação da imagem do homem e corrupção das crianças: "O que tá acontecendo hoje é a mídia introduzindo coisas na cabeça da criança e fazendo confusão na mente da criança."

Por fim, o último subtema da temática Pró-Estereótipo é o "Não reconhecimento do machismo", que engloba crenças de que os estereótipos de gênero não existem atualmente na sociedade porque o machismo é algo do passado, ou porque ele não influencia o comportamento das pessoas. No caso de o machismo ser algo do passado, são comuns expressões como a seguinte:

> *Tá, que que eu vejo sobre isso é, "a mãe somente que deve cuidar dos filhos", (...) isso é uma coisa muito antiga, porque hoje (...) a mulher faz as mesmas coisas que o homem faz…. hoje não é mais assim né, hoje todo mundo trabalha, (...) tanto o homem quanto a mulher, né, a gente tem os mesmos deveres.*

Ainda sobre a discussão da frase "É somente a mãe que deve cuidar dos filhos", o seguinte excerto ilustra a posição de alguns homens que acreditam que o machismo não interfere nos papéis exercidos por homens e mulheres ao longo dos anos:

> *É que assim ó, analisando a discussão não entrava no contexto que é machismo ou feminismo, mas entrava no contexto que, se alguém não*

> *tinha o que fazer, deveria cuidar dos filhos e se atentar a isso mais por uma questão de zelo e não de obrigação de quem que seja, sabe.*

Contraestereótipo

Ao passo em que o tema Pró-estereótipo abrange mecanismos que perpetuam os estereótipos de gênero, o tema Contraestereótipo abarca fatores que trazem reflexões acerca deles. Um desses fatores é apresentado no subtema "Reconhecimento do estereótipo". Muitas vezes, os participantes da pesquisa reconhecem a existência dos estereótipos de gênero e da expectativa de que as pessoas os cumpram, ainda que não expressando sua própria opinião sobre o assunto, como no excerto seguinte sobre o cuidado com os filhos:

> *Acho que 90% (...) dos casos, (...) é a mãe que fica com os filhos né... eu acho, (...) no que eu vejo no dia-a-dia e na rua, meus amigos e amigas, entendeu... eu sou um caso… E conheço poucos casos, acho que não chega a 5% dos casos que os filhos ficam com os pais, né...*

Mesmo que a consciência acerca dos estereótipos de gênero e seus fatores geradores ainda não esteja consolidada, existe um questionamento do porquê existem essas regras sociais, como numa colocação sobre brinquedos destinados a cada gênero:

> *Por que que a minha filha pode brincar de carrinho, hoje? Ela brinca de carrinho. (...) A gente foi em uma casa de... essas que vende brinquedo, em vez de ela pegar uma Barbie, ela queria pegar aquelas arminhas de atirar aqueles coisinha... Por que que ela pode e a gente não podia fazer isso na época?*

Reflexões como essa culminam no repensar de papéis maternos e paternos, ou seja, trazem maior flexibilização no ato de cuidar:

> *Então é um direito igual do filho, ficar com o pai ou com a mãe, aí fica a minha dúvida, por que que fica com a mãe ou não pode ficar com o pai, entende? (...). Então assim, eu sempre penso bah, e se (...) eu separasse, como ficariam meus filhos? Minha mulher ia (...) conseguir dar conta de trabalhar, cuidar dos filhos e manter a casa, se eu não tivesse junto? Conseguiria. Ela conseguiria. Certamente ela ia conseguir. Mas eu também conseguiria. E por que que eu não poderia fazer isso, entende?*

Em outros momentos, os homens também mostraram um certo reconhecimento do machismo e seus desdobramentos, inclusive nas próprias ações. Uma ilustração

é quando os homens foram questionados se o estereótipo do homem perder mais a cabeça que a mulher aparece nas relações amorosas:

> *Isso é óbvio que aparece, até porque a gente tá aqui (riso). Se não aparecesse, a gente não tava aqui (riso), né? Então, a gente deixou aí em algum momento... isso acontecer (...) pelo simples fato de ser contrariado, de tu ouvir um não, de... então, a gente tá aprendendo na dor...*

Também sobre a percepção do machismo, diversos outros homens compartilharam relatos de sofrimento pessoal gerados pelos estereótipos:

> *Tu apanhava (...) no colégio e se tu chorar, meu pai falava, "se tu chorar aí tu vai apanhar mais". Aí tu já tinha que segurar mais a onda, entendeu? Chegando dentro de casa tu não podia. Aí o que que tu fazia? Se trancava num quarto e chorava e ficava cuidando pra ver se ninguém via.*

Desse modo, percebe-se que alguns dos participantes têm consciência sobre os agentes que perpetuam os estereótipos de gênero, como suas famílias de origem: "*Tu é produto do meio, entendeu, tu vai fazer aquilo que tu tá inserido, no teu contexto atual. Se a pessoa for ignorante, é muito difícil tu não ser ignorante se for criado, por exemplo, por uma pessoa ignorante*". Há também uma percepção da influência da cultura como um todo no comportamento de homens e mulheres:

> *Eu acho que todas conversas, (...) tudo parte (...) da cultura nossa brasileira, que foi criada do homem chorar, não se machucar... esse negócio do histérica, do que é louca, pra tu ver que a gente tem um complexo. (...) É cultural, tudo isso, isso do homem perder mais a cabeça, ou ele ter que por mais esse lado homem pra fora, quando ele não têm a racionalidade pra resolver a situação, então ele prefere expor essa hombridade dele pra fora.*

Já o segundo subtema, "Discordância do estereótipo", são posicionamentos que não compactuam com estereótipos de gênero. Há uma flexibilidade, por exemplo, na atribuição de características ditas "de homem" e "de mulher": "*Eu acho que vai de pessoa pra pessoa... tem mulheres e tem homens, depende... hoje em dia não tem mais... ah, o homem é isso, a mulher é aquilo, tem pessoas muito piores e pessoas menos, entendeu?*". Assim como falas de "depende de pessoa para pessoa" se repetem, também houve uma forte mobilização entre diferentes grupos frente ao mito de que "É somente a mãe que deve cuidar dos filhos.":

> *Então é que nem o colega N. falou lá, que o filho é só da mulher. Não, o filho é do homem também, (...) não foi só (...) numa hora, que nem diz, pra fabricar criança. A gente tem toda uma vida e tem que participar junto, só que isso também há anos atrás não era assim, né.*

Mesmo em contextos de separação do casal, que é o caso de muitos dos participantes, o zelo com o filho apareceu como um papel muito importante: "*Esses negócio de separação, o pai tem que tá presente pro ensinamento da criança, tem que participar na pensão, na creche, na vida, no ensinamento…*". Inclusive, o estar presente enquanto pai foi expressado não só como uma obrigação, como também um prazer: "*A gente faz meio a meio essa guarda compartilhada, porque eu tenho prazer em ficar com o meu filho. Quero criar o meu filho, quero educar o meu filho, né, quero tá presente na vida do meu filho*".

Outro ponto de forte discordância para muitos participantes foi sobre o estereótipo de que homens não choram: "Por que que o homem não pode chorar? É uma agressão. Ou assim 'eu vou chorar', 'ah se tu chorar tu é mulherzinha'. Isso é uma agressão ao meu sentimento. A gente pode chorar". Ainda sobre expressão de sentimentos, apareceram frustrações sobre a ideia de que só mulheres devem discutir questões da relação amorosa: "Acho que no momento (...) que tu gosta de alguém, tu tem que expor o que tu sente, entendeu, pois somos seres humanos, todos nós temos sentimentos e é uma coisa (...) que tem que ser valorizada e mostrada."

O terceiro e último subtema é perpassado pelo reconhecimento e discordância do estereótipo, mas vai além, configurando-se como o "Combate ao estereótipo", que abrange ações que vão ativamente contra a perpetuação de papéis de gênero, sejam praticadas pelos próprios participantes ou testemunhadas por eles. Nesse cenário, ressurge o papel da mídia, agora como um fator que auxilia no combate aos estereótipos: "Então assim, a mídia ajuda. (...) Há uns 9 anos atrás teve uma novela que o cara era casado e saiu… e dizem: 'Ah, ajudou… a Globo ajudou um monte de gente a sair do armário'".

Outro importante agente que figura neste subtema é a família de origem. Percebe-se que ao mesmo passo que ela tem o poder de reforçar papéis de gênero, também é capaz de desconstruí-los:

> *Eu tinha um pai muito machista e uma mãe muito feminista (risos) (...). O meu pai era tipo "não chora, homem não sei o que", e a minha mãe era "não, homem chora sim, tem que chorar, é melhor dispor do choro quando resolver as tuas coisas" (...) Eu acho que o choro eu preferia escutar a minha mãe e não o meu pai... diz que "o choro lava a alma" e é melhor pra refletir também.*

A maioria dos homens, no entanto, compartilha relatos da família de origem reforçando os estereótipos de gênero, como pôde ser conferido no tema Pró-Estereótipo. Nesses casos, o combate ao estereótipo entra quando os participantes percebem os malefícios desses aprendizados (como já apareceu no reconhecimento do sofrimento sofrido em decorrência do estereótipo) e procuram agir de forma diferente, como no relato a seguir sobre expressão de carinho: "*Eu não beijava meus irmãos, meu irmão, meus tios por causa do meu pai. Hoje eu beijo eles todos, (...) beijo meu pai também, tudo. Beijo meus amigos, beijo todo mundo*". Desse modo, os homens relatam ensinar aos seus filhos de forma diferente do que aprenderam, como na fala a seguir, ainda que apareça o uso do termo "decidir/opção" em relação à expressão da sexualidade:

> *Hoje ela tá com 15 anos, tá na fase de decidir o que ela gosta. Eu acho que o importante é saber que dentro de casa ela tá protegida independente da opção sexual dela. Não tô falando só na minha família, mas num todo, porque a sociedade é o que mais ataca.*

Diferentes estratégias que vão contra papéis estabelecidos de gênero também podem ser encontradas no trato das relações amorosas, especialmente na questão de comunicação entre o casal, como no caso abaixo em que é feita uma comparação entre uma relação antiga e a atual:

> *Hoje eu tenho uma relação, assim ó, mil anos na frente, muito mais saudável, aonde eu também tenho que chegar e perguntar ó, por que tu acha que tá acontecendo isso? Por que tu acha que a gente não tá se vendo tanto?*

O esforço para a melhora na comunicação e expressão de sentimentos é compartilhado também por outros participantes do grupo: "Então eu acho que tem que partir de mim também, assim como parte dela e um dia eu não dei ouvido, hoje eu dou ouvido e eu ajudo a conversar".

A procura da quebra dos estereótipos aparece, então, com duas faces: a da busca de expressões mais saudáveis e, por vezes, a do arrependimento de não ter feito diferente:

> *Hoje em dia se eu pudesse voltar atrás assim, das brigas que teve, hoje em dia eu acho que é sentar e conversar né (...). É bem difícil (...), mas a gente tem que levar por esse lado aí pra, pra melhora da nossa vida né, do dia-a-dia e pelos filhos.*

Discussão

A estereotipação de gênero é a atribuição de características e papéis específicos a pessoas baseado no seu gênero (UNICEF, 2017), e que aparentemente justifica a desigualdade social entre homens e mulheres (Ellemers, 2018). Ainda, os estereótipos não são fixos, ao passo que influenciam e são influenciados pelos papéis exercidos pelos gêneros ao longo do tempo. Entretanto, mesmo que esses papéis tenham mudado significativamente nas últimas décadas, o gênero segue sendo visto como uma categorização binária e invariável (Ellemers, 2018).

Do tema Pró-estereótipo, vemos que os argumentos usados no subtema "Estereótipo como algo natural" para justificar os papéis de gênero não são fenômenos isolados. É comum na sociedade justificar estereótipos de gênero com base em explicações biológicas, como atribuir a diferenças que vêm "de berço" ou que são resultantes de diferenças nos hormônios, tal qual argumentaram homens participantes da presente pesquisa. Entretanto, Hyde (2014) avaliou fatores cognitivos, comportamentais e de personalidade de homens e mulheres em uma metanálise de centenas de estudos, e encontrou apenas diferenças pequenas ou triviais entre os dois. Tal estudo corrobora tantos outros que apontam para o contexto social como o principal criador das diferenças de gênero (Ellemers, 2018; Hyde, 2014), mantendo certas percepções inalteradas ao longo do tempo, como homens tendo mais características ligadas à assertividade e orientação para si, e mulheres, mais características ligadas à afeto e orientação para o outro (Eagly et al., 2020). Esses achados estão de acordo com o subtema "Perpetuação dos estereótipos", do tema Pró-estereótipo, nos excertos que evidenciam o tratamento diferente dado às filhas mulheres e filhos homens, como dar uma boneca para a filha e um carrinho para o filho, invariavelmente.

Também no subtema "Perpetuação dos estereótipos", vemos a família como uma protagonista na transmissão de estereótipos. Por meio do processo da transgeracionalidade, uma família transmite um conjunto de regras padronizadas e previsíveis, criando expectativas acerca dos papéis dos seus membros, incluindo os de gênero (Botton, Cúnico, Barcinski & Strey, 2015). Podemos conferir essa dinâmica no relato dos homens do GPHAV-*Online*, que compartilham estereótipos de gênero que aprenderam da família de origem, e que muitas vezes repassam aos filhos, como mulheres serem "o sexo frágil", homens não poderem levar desaforo para casa, entre outros. Assim, por mais que os jovens hoje procurem desconstruir papéis de gênero, ainda há uma prevalente manutenção transgeracional das normas tradicionais de gênero (Pacheco & Araldi, 2020).

Por sua vez, esses estereótipos desiguais são expressão do modelo hierarquizado de gênero, estrutura essa que é fortemente aderida por famílias violentas. Dentro e fora da

família, a reprodução de padrões inflexíveis parece legitimar a violência contra o gênero feminino e, consequentemente, a Violência Contra Parceiro Íntimo (VPI) (Pacheco & Araldi, 2020). Um exemplo desse reflexo é o participante que, ao compartilhar da crença de que "homens perdem mais a cabeça que mulheres" e ser questionado se isso aparece nas relações amorosas, responde que sim, e aponta como um dos motivos por estar no GPHAV-*Online*, implicando que foi contrariado pela mulher e, por isso, "perdeu a cabeça". Evidencia-se, então, a crença de gênero de que homens não conseguem se controlar e nem devem ser contrariados (Pacheco & Araldi, 2020).

Ademais, relatos dessa pesquisa exemplificam como a masculinidade hegemônica inibe a discussão e demonstração das emoções (Moura et al., 2020), como visto nos relatos dos homens sobre não poderem chorar na frente dos pais, nem se mostrarem vulneráveis. Tal inibição incita a desregulação emocional, levando a uma expressão desadaptativa da raiva que muitas vezes resulta no uso de agressão (Moura et al., 2020). Também, os resultados apresentados nos temas "Perigo da quebra dos estereótipos" e "Não reconhecimento do machismo", batem com achados na literatura relatando uma conformidade de homens cisgênero heterossexuais com o desconhecimento do feminismo pelo medo da exclusão, e uma indiferença para a percepção de atitudes consideradas machistas (Marques, 2020).

Pensando agora no tema Contraestereótipo, que aborda reflexões contra os estereótipos de gênero, é necessário considerar o fator da desejabilidade social como possível direcionador do discurso dos homens. A fim de serem aceitos pelo grupo, é possível que indivíduos que possuam condutas socialmente inaceitáveis distorçam autorrelatos e/ou tenham uma autopercepção distorcida (Roso, 2019). Nesse caso, em que os homens cometeram VPI e estão sendo julgados judicialmente, ainda há a possível percepção dos mediadores do grupo como avaliadores da sua conduta e parte do sistema judicial, mesmo que tenha sido comunicada a confidencialidade do grupo.

Tendo isso em conta, no subtema "Reconhecimento do estereótipo", há uma identificação do sofrimento que as crenças de gênero causam nos participantes. De fato, sabe-se que o machismo impacta diretamente na saúde mental e física dos homens, visto que a masculinidade hegemônica preza pela invulnerabilidade, força e distanciamento emocional. Nesse contexto, a busca por cuidado é associada com fraqueza e feminilidade (Silva & Melo, 2021). Por sua vez, esse descuido dos homens com a sua saúde mental influencia o fenômeno da Violência Contra Parceiro Íntimo (VPI), dado que estudos associam a perpetração da VPI por homens com necessidades de saúde mental não tratadas (Silva & Melo, 2021). Assim, o subtema "Reconhecimento do estereótipo" sugere que a consciência sobre os prejuízos do machismo para os homens pode funcionar como um motivador no engajamento do público masculino em intervenções educativas sobre o tópico, e não só em contextos judiciais.

No subtema da "Discordância do estereótipo" observou-se um movimento contrário ao distanciamento emocional entre os homens, uma vez que o choro e a

comunicação de emoções para a parceira foram dados como práticas positivas. Outro ponto de discordância dos homens acerca dos estereótipos foi sobre a criação dos filhos, que foi apontado como dever e prazer, não só do ponto de vista da provisão econômica, mas também da afetividade e educação. Esse olhar para a paternidade vai de encontro ao modelo tradicional de uma paternidade distante e inexpressiva, que apareceu em outras pesquisas com homens autores de VPI em que o que se sobressaiu no relato foi a função econômica de ser pai (Oliveira et al. 2022). Mesmo sendo constatadas certas crenças dissonantes dos estereótipos de gênero nesse subtema, por vezes elas não se traduzem na prática, podendo apontar para uma falta de ferramentas ou desinformação por parte dos homens.

Não obstante, surgiram relatos da atuação de estratégias de desconstrução do estereótipo, como reunido no subtema "Combate ao estereótipo". Nesse ponto, destaca-se novamente a importância da desconstrução de padrões transgeracionais de gênero, que no caso da presente pesquisa, é expressa em ações como o respeito à diversidade sexual dos filhos e a expressão de afeto físico. Entretanto, os ensinamentos que vão contra os estereótipos parecem conviver com outros que seguem estereotipados, seja por dúvida de como agir diferente ou por opiniões inflexíveis sobre determinadas crenças de gênero, levando a uma comum configuração familiar em que o modelo estereotipado aparece unido ao rompimento dos modelos tradicionais (Botton et al., 2015).

Ainda, as estratégias referidas para aprimorar a comunicação e expressão de emoções na relação são especialmente relevantes, visto que quando o indivíduo é desencorajado a falar de si e suas emoções ao parceiro, há um elevado risco de se desenvolverem estratégias ineficazes de lido do conflito, podendo uma delas ser a violência (Baldino & Boeckel, 2023). Inclusive, a incapacidade de "sentar e conversar" foi apontado por um dos próprios participantes como tendo influenciado os conflitos que teve com a antiga parceira.

Dessa forma, o subtema do "Combate ao estereótipo", mas também o tema Pró-Estereótipo como um todo, revelam uma possível reconstrução e refinamento das percepções acerca de estereótipos de gênero. A presença dos homens no GPHAV-*Online* significa que eles cometeram atos machistas de violência contra a mulher. Entretanto, esse fato coexiste com o desejo de mudar condutas preconceituosas nocivas a si e àqueles a sua volta e quebrar a transmissão geracional, como descrito. Fatores como desejabilidade social e atravessamentos das intervenções grupais, que podem se fazer presentes por conta da obtenção dos dados a partir do recorte de uma intervenção mais extensa, com um grupo já constituído, apresentam-se como limitações. Não obstante, acredita-se que os resultados evidenciam o quanto o combate às práticas machistas e violentas precisa de espaços adequados em nossa sociedade, pois não basta questionar e criticar o estereótipo, é preciso agir de forma congruente.

Considerações finais

O presente estudo foi realizado com homens autores de Violência por Parceiro Íntimo (VPI) participantes do Grupo Psicoeducativo com Homens Autores de Violência contra a Mulher - Versão *Online*. Os resultados da análise culminaram em dois temas: Pró-Estereótipo e Contraestereótipo.

Os resultados apontam que os participantes apresentam visões ambíguas dos estereótipos de gênero, ora considerando-os corretos e inevitáveis, ora apresentando-os como prejudiciais e passivos de crítica. A família foi apontada como um dos principais construtores, e potenciais desconstrutores, dessas regras de gênero. Além disso, fica evidente que espaços de discussão acerca do tema são de suma relevância para realmente iniciar uma reflexão mais aprofundada e repensar as estratégias para lidar com conflitos inerentes à vida. Pensando nisso, acredita-se que este estudo, ao providenciar uma compreensão aprofundada da percepção de estereótipos de gênero de um numeroso grupo de homens, pode fundamentar o planejamento de ações eficazes para a prevenção e combate à VPI, sendo ponto de partida para futuras intervenções.

Ainda, sendo este estudo baseado em um recorte do GPHAV-*Online*, há a limitação da presença de atravessamentos das intervenções do grupo. Também, vale ressaltar a desejabilidade social como fator dificultador, ainda que tenha havido um vínculo significativo entre facilitadores e intragrupo.

Por fim, este estudo junta-se à crescente literatura brasileira que vem destacando a importância de grupos psicoeducativos com homens autores de VPI. Entender os mecanismos que mantêm tanto os padrões de gênero quanto a incidência da violência contra a mulher são imprescindíveis para prevenir e impedir a repetição da VPI, e os estereótipos de gênero possuem um papel central para essa compreensão. É necessário que políticas públicas contemplem esses mecanismos, bem como, é fundamental a inclusão de ações com os homens autores de agressão como parte da solução para a erradicação da violência doméstica na realidade brasileira.

CC BY

Referências

Acosta, F., Andrade, A., & Bronz, A. (2004). *Conversas homem a homem*: *grupo reflexivo de gênero Metodologia.* Rio de Janeiro: Instituto Noos.

Baldino, K., & Gonçalves Boeckel, M. (2023). Relacionamento amoroso: perspectivas de homens acusados de violência por parceiro íntimo. *Psico*, *54*(1), e39214. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39214

Botton, A., Daiana Cúnico, S., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os Papéis Parentais nas Famílias: Analisando Aspectos Transgeracionais e de Gênero The Parental Roles in Families: Analyzing Transgenerational and Gender Aspects. *Pensando Famílias*, *19(2)*, 43–56. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-1679-494X2015000200005

Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3(2)*, 77-101. http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Campos, C. H. de, & Gianezini, K. (2019). Lei Maria da Penha: do protagonismo feminista às resistências jurídicas. *Revista Juris Poiesis*, *22*(28). https://doi.org/10.5935/2448-0517.201900134

Curia, B. G., Gonçalves, V. D., Zamora, J. C., Ruoso, A., Ligório, I. S., & Habigzang, L. (2020). Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra mulher por parceiro íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *40*. https://doi.org/10.1590/1982-3703003189184

Eagly, A. H., Nater, C., Miller, D. I., Kaufmann, M., & Sczesny, S. (2020). Gender stereotypes have changed: A cross-temporal meta-analysis of U.S. public opinion polls from 1946 to 2018. *American Psychologist*, *75*(3), 301–315. https://doi.org/10.1037/amp0000494

Ellemers, N. (2018). Gender Stereotypes. *Annual Review of Psychology*, *69*(1), 275–298. https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011719

European Institute for Gender Equality. (s.d.). *Hegemonic masculinity*. In Gender Equality Glossary & Thesaurus. EIGE. Retrieved September 20, 2025, from https://eige.europa.eu/publications-resources/thesaurus/terms/1382

Fórum brasileiro de segurança pública. (2023) *VISÍVEL E INVISÍVEL: A VITIMIZAÇÃO DE MULHERES NO BRASIL*. Retrieved from https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf

Gomes, J. M. (2022). *Evidências Iniciais de Efetividade do Grupo Psicoeducativo Online com Homens Autores de Violência contra a Mulher: Um Estudo Qualitativo* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-graduação em Psicologia e Saúde). Porto Alegre. Retrieved from https://repositorio.ufcspa.edu.br/items/0bfc920c-7eb5-4eae-a842-0c3f2a53aae9

Goulart, A. D., Gomes, J. M., & Boeckel, M. G. (2020). Intervenções com homens acusados de violência por parceiro íntimo: revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos, 13(1)*, 14. https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.13

Hyde, J. S. (2014). Gender Similarities and Differences. *Annual Review of Psychology*, *65*(1), 373–398. https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115057

Marques, J. M. (2020). O feminismo e a visão de homens heterossexuais a partir de um levantamento bibliográfico de vinte anos de estudos . In O. M. Rodrigues Jr., C. Zeglio, V. L. Vaccari, & G. E. Levatti (Eds.), *Estudos em Sexualidade* (Vol. 2, pp. 178–205). Instituto Paulista de Sexualidade.

Oliveira, M. A. da S., Estrela, F. M., Silva, A. F. da, Magalhães, J. R. F. de, Gomes, N. P., Pereira, Á., Sousa, A. R. de, & Cruz, M. A. da. (2022). Percepção de homens perpetradores de violência acerca da paternidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *75*(4). https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0890pt

Pacheco, J. C., & Araldi, M. O. (2020). Gênero e transgeracionalidade: uma (des)construção. *Psicologia USP*, *31*. https://doi.org/10.1590/0103-6564e190140

Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, *6*(1), 47-51.

Rosa, A. T. & Pargeon, J. da P. O. M. (2019). Grupo reflexivo de gênero: repensando o fenômeno da violência doméstica e familiar contra mulheres. *5º simpósio da faculdade de ciências sociais: Democracia e direitos humanos*, UFG. Retrieved from https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/106/o/Andressa_Julia_completo.pdf

Roso, P. L. (2019). *O autoconceito dos agressores de violência doméstica contra a mulher em Santa Maria*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil). Retrieved from https://repositorio.ufsm.br/handle/1/21192

Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva*, *26*(10), 4613–4622. https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021

Sousa, R. F. de. (2017). *Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. Revista Estudos Feministas, 25(1), 9–29.* doi:10.1590/1806-9584.2017v25n1p9

UNICEF. (2017). *Gender Equality: Glossary of Terms and Concepts*. Retrieved from https://www.unicef.org/rosa/media/1761/file/Gender%20glossary%20of%20terms%20and%20concepts%20.pdf